



Entre o Real e a Ficção: Subjetividade e Técnicas Narrativas em *Frank Sinatra Está Resfriado*¹

Alexandre Pinto RIBEIRO²

Fabício MARQUES³

Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), Belo Horizonte, Minas Gerais,
MG

RESUMO

Frank Sinatra está resfriado, um perfil de Gay Talese sobre o cantor norte-americano, se tornou um marco do Novo Jornalismo pela combinação de técnicas narrativas e apuração jornalística que caracterizaram o gênero nos anos 1960 e 1970 e, até hoje, uma referência na construção de perfis jornalísticos. O presente estudo, originalmente apresentado como trabalho de conclusão de curso pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), pretende examinar os elementos de subjetivação que compõem a estrutura narrativa de Talese discutindo-a sob a ótica do paradigma da objetividade jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; Novo Jornalismo; Gay Talese; subjetividade; Frank Sinatra.

INTRODUÇÃO

A voz do narrador é um dos maiores problemas na literatura de não-ficção. Antes da década de 1960 a maioria dos escritores desse gênero seguia a tradição britânica, na qual se presumia que o narrador deveria assumir uma voz neutra contra a qual os personagens e a própria narrativa se ressaltavam. O mais prezado até então era a discrição do narrador. Portanto, quando autores como Gay Talese e outros contemporâneos do Novo Jornalismo passam a adotar o tom de suas próprias vozes, o padrão desta tradição parece ser quebrado. Dentro desse contexto, o presente trabalho pretende analisar, os elementos de subjetivação que compreendem o texto *Frank Sinatra está resfriado*.

¹ Trabalho de conclusão de curso pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), defendido no dia 09/12/2010.

² Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), e-mail: alexandreuni@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do UNI-BH, e-mail: fabriciomarques44@gmail.com.



O texto a ser estudado foi publicado no Brasil pela primeira vez em 1973, como parte do livro *Aos olhos da multidão*, e republicado em 2004 sob o título *Fama e Anonimato*. Apresentado em 50 páginas sem divisão de capítulos, o perfil foi escrito predominantemente em terceira pessoa e acompanha cenas da vida de Frank Sinatra intercaladas por dados e informações da vida do personagem apuradas por Gay Talese. A narrativa é essencialmente narrativa e descritiva e permeada de diálogos e detalhes de acontecimentos e situações da vida do artista.

Gay Talese (Ocean City, New Jersey, 07 de fevereiro de 1932) é tido como pioneiro neste gênero de jornalismo literário, sendo reconhecido por trabalhos influentes nos meios jornalístico e literário como *The Bridge* (1964), *Frank Sinatra Has a Cold* (1966), *The Silent Season of a Hero* (1966), *Honor Thy Father* (1971) e *Thy Neighbor's Wife* (1981). Talese inicia carreira como repórter geral em 1953, escrevendo para o *New York Times*, e mais tarde ganha notoriedade na editoria esportiva, onde escreve trinta e oito artigos sobre o pugilista Floyd Patterson.

Em 1964, começa a escrever os primeiros artigos para a revista *Esquire*, onde publica os perfis *Frank Sinatra Has a Cold* e *The Silent Season of a Hero*, sobre o jogador de *baseball* Joe DiMaggio. Em 1969, após colaborações para a revista *The New Yorker*, escreve seu primeiro livro, *O Reino e o Poder*, sobre o império de comunicação do *New York Times*. Já na década de 1970, o jornalista escreve seu livro de maior aclamação de público e crítica, *Honor Thy Father*, descrevendo as coxias da máfica italiana nos EUA. Seu último trabalho, publicado em 2009, *A Writer's Life*, é uma autobiografia focada na manufatura de suas histórias.

2 OBJETIVO

O objetivo central do estudo é analisar os elementos de subjetivação e as técnicas narrativas empregadas em *Frank Sinatra está resfriado*. Entrementes, pretende-se também verificar as técnicas literárias específicas empregadas no texto; examinar o estilo textual e linguagem utilizada; analisar a voz narrativa e os elementos de ficcionalidade empregados.

3 JUSTIFICATIVA

Frank Sinatra está resfriado, dentre outros textos proeminentes do mesmo autor e do Novo Jornalismo, foi escolhido como objeto de análise para o presente trabalho por melhor sintetizar os principais elementos que caracterizam o Novo Jornalismo: a narrativa como instrumento básico; a humanização e a construção de um “romance jornalístico”. Desta feita, além de ser representativo e influente como exemplar famigerado do jornalismo literário, o texto a ser analisado por esta monografia apresenta a premissa básica do Novo Jornalismo, no que se refere à combinação das práticas jornalísticas (entrevistas e apuração) com as técnicas da narrativa de ficção.

O perfil em questão pode ser apontado como um exemplo significativo do que representou o Novo Jornalismo, no que se refere à combinação das práticas jornalísticas (entrevistas e apuração) com as técnicas da narrativa de ficção, e as características que tornaram o gênero famigerado: a narrativa como instrumento básico; a humanização e a construção minuciosa de personagens. Além disso, o texto em questão ganhou fama tanto de público como de crítica. Tom Wolfe (2005), ao citar Gay Talese como um dos pioneiros do estilo, define o artigo de Talese como um dos melhores exemplos para definir a essência do Novo Jornalismo.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A fim de operar a análise que este trabalho propõe, foi adotado o método da análise de conteúdo no objeto em questão a fim de verificar, qualitativamente, a expressão da subjetividade no texto. Considerando a existência de uma correlação entre o tipo de locutor e as características lingüísticas, a análise pretendida se deterá na verificação formal (campo dos significantes) mais do que no exame temático. Para tanto, serão contemplados como operadores conceituais a subjetividade no discurso jornalístico; o foco narrativo e as características fundamentais que regem o estilo textual do Novo Jornalismo.

Para a definição de jornalismo e literatura e buscou-se referência em Menezes (1997) e em Gomes (1994). Na esfera do jornalismo literário, Galeno (2002), Rodrigues (1997) e Marques (2010) fornecem os conceitos de funções da linguagem e os operadores comuns ao jornalismo e a literatura. No âmbito do Novo Jornalismo, Gay Talese (1994) conceitua o



repórter-narrador, enquanto Tom Wolfe (2005) elenca as quatro principais marcas linguísticas do estilo. Já Sergio Vilas Boas (2003) apresenta o conceito do perfil jornalístico e suas características formais. Outro eixo de pesquisa pertinente à análise é o estudo do foco narrativo e do narrador pós-moderno. Para tanto, buscou-se conceitos nas obras de Ligia Chiappini Leite (1985), Fernando Resende (2002) e Silviano Santiago (2002). Para conceituar a subjetividade/objetividade encontrou-se referência em Émile Benveniste (1995), Amaral (1996), Melo (1985), Traquina (1988) e Medina (2000).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

“Entre o Real e a Ficção: subjetividade e técnicas narrativas em *Frank Sinatra está resfriado*” é uma análise de conteúdo de 61 páginas apresentada em 2010 como trabalho de conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), Minas Gerais. A pesquisa bibliográfica inclui livros, artigos e dissertações que compreendem as principais áreas de conhecimento a serem abordadas e desenvolvidas na análise do texto de Gay Talese (2004), *Frank Sinatra está resfriado*. São elas: Jornalismo Literário, Novo Jornalismo, Subjetividade/Objetividade, Literatura e Narração.

O referencial teórico é dividido em três eixos. No primeiro capítulo – “Jornalismo Literário e o Novo Jornalismo” - aborda-se os conceitos que definem os gêneros jornalístico e literário, as especificidades do Novo Jornalismo e os aspectos constitutivos do perfil jornalístico. Já o segundo capítulo – “Subjetividade e Construção Narrativa” – trata dos aspectos que caracterizam a narrativa pós-moderna, o conceito do foco narrativo no âmbito literário e a natureza da objetividade/subjetividade em diversos espectros.

O capítulo “Subjetivação em Frank Sinatra está resfriado” apresenta uma análise de conteúdo dos modos de subjetivação em *Frank Sinatra está resfriado* divididos em seis tópicos: marcas linguísticas e juízos de valor; função referencial x função poética da linguagem; imersão; marcas do Novo Jornalismo; ironias; diegese. A partir dos operadores conceituais elencados, abordou-se como critérios de análise os padrões textuais específicos que marcam a objetividade/subjetividade no texto jornalístico – uso da terceira pessoa; verbos impessoais; ausência/presença de adjetivos; construção de enunciados ambíguos ou irônicos; verbos presentificadores; trechos em primeira pessoa; pronomes pessoais; juízos

de valor; função poética da linguagem sobressaindo-se sobre a função referencial; conotação/denotação; ficcionalização (analogias, categorização, estereótipos, exageros, caricaturização).

Para a investigação do locutor-enunciador utilizou-se os critérios de análise do foco narrativo; transições de flexões (terceira pessoa para primeira pessoa); digressões; imersão; diegeses. No que tange o Novo Jornalismo, verificou-se o uso de marcas textuais características: construção detalhada de cenas; registro completo dos diálogos; ponto de vista em terceira pessoa; registro dos gestos cotidianos e do padrão de vida das personagens.

Para verificar de que modo o narrador desse texto se envolve no que está enunciado ou apresenta juízos de valor sobre o que escreve, escolheu-se como amostra para a análise prévia os trechos iniciais do perfil (TALESE, 2004, p.257-265).

A forma mais clara pela qual a subjetividade se expressa é pela própria referência ao sujeito enunciador, isto é, o narrador se apresentando na forma do “eu”. Desta forma, a verificação da ocorrência de pronomes pessoais e verbos na primeira pessoa constituem um indicativo do que se pode chamar de “subjetividade explícita”. Em *Frank Sinatra está esfriado* raros são os momentos em que o narrador refere a si mesmo de forma direta, salvo em trechos como o que se segue: “**Testemunhei** algo desse lado siciliano de Sinatra no verão passado no Jilly’s, em Nova Iorque, aliás a única vez em que **vi** Sinatra de perto antes daquela noite no clube da Califórnia [...]” (TALESE, 2004, p.262, grifo nosso).

Nesta passagem, em que o narrador conta um episódio da vida de Frank Sinatra a partir de sua observação direta em um bar de Nova Iorque, observa-se como os verbos *testemunhar* e *ver*, flexionados na primeira pessoa, presentificam e comprovam o envolvimento do narrador com o objeto narrado. A partir desse trecho o leitor sabe que o que está sendo narrado é também fruto de uma observação direta desse narrador-repórter e, portanto, condicionado à suas impressões particulares.

Contudo, seguindo a tradição do realismo social observada por Wolfe (2005) nos textos de Novo Jornalismo, o enunciador em questão não se preocupa em falar de si mesmo, mas sim dos fatos. Entretanto, ainda que não se concentre no “eu”, a presença de um sujeito

enunciador já pressupõe a expressão da subjetividade na narrativa, mas um tipo de subjetividade indireta, diferente da observada acima. Portanto, pode-se observar esta subjetividade tácita não na referência do narrador a si mesmo, mas nos momentos em que este realiza uma avaliação do objeto narrado.

Para identificar, pois, de que maneira os fatos são tratados por uma perspectiva subjetiva, faz-se necessário identificar algumas marcas linguísticas associadas ao contexto do texto. Os comentários e críticas que o narrador tece sobre as personagens e fatos, por exemplo, são indicativos de um discurso subjetivo, como se pode notar neste trecho: “Agora ele parecia ser a personificação do *macho plenamente emancipado*, talvez o único da América, o homem que pode fazer tudo o que desejar, *tudo mesmo*, porque tem dinheiro, energia e nenhum *signal de culpa*” (TALESE, 2004, p.258-9). Encontra-se, pelo uso de expressões idiossincráticas (“macho plenamente emancipado”) e de ênfases (“tudo mesmo”), o narrador posicionando-se frente às características de Sinatra. Através das expressões como as grifadas acima, o enunciador incorpora aos fatos narrados sua avaliação, sua visão particular.

6 CONSIDERAÇÕES

Uma das premissas básicas na qual o jornalismo se sustenta é a objetividade. A ideia de que o jornalista não deve emitir juízo de valor sobre o que noticia orientou por muito tempo o exercício da profissão, postura adotada originalmente pelos jornalistas norte-americanos a partir da década de 1950 e então espelhada na imprensa brasileira. Atualmente, parece haver-se esgotado a noção de objetividade como padrão do jornalismo e os estudos se direcionam mais para o exame do mito da objetividade ou, ainda, para teses hermenêuticas como a do “justo e equilibrado” (AMARAL, 1996, p.79), que defendem a isenção jornalística em contraste à objetividade.

Assim, as discussões neste campo parecem conduzir para o confronto da objetividade versus subjetividade. De acordo com Amaral, a objetividade é “característica daquilo que existe independentemente do pensamento” (AMARAL, 1996, p.18). O autor explica que a noção de subjetividade surge na seara filosófica. Foi destacada primeiramente na tradição ocidental por Descartes, que tomou como única certeza a existência do sujeito. Do mesmo



modo, Kierkegaard defendia que a verdade é subjetiva. Para ele, não há realidade objetiva e, se houvesse, a mente humana não seria capaz de compreendê-la.

Pela perspectiva sociológica, Amaral (1996) ressalta o mito da objetividade a partir do princípio de que o jornalista só entende o mundo a partir de seus próprios valores adquiridos, reagindo às causas externas. Do contrário, a literatura é inerentemente subjetiva. Para Eagleton (1997), a literatura como categoria objetiva é uma ilusão, no sentido de constituir uma escrita altamente valorativa, dado o fato de serem eminentemente variáveis os juízos de valor. Tais juízos de valor mantêm estrita relação com as ideologias sociais, não constituindo apenas os gostos particulares.

Esta constatação é relativizada pela teoria linguística, que define a subjetividade como a “capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1995, p.286). Deste modo, a subjetividade pode ser entendida também como uma representação linguística do sujeito. Portanto, mais do que um problema para verificar até que ponto o jornalismo literário se propõe a relativizar a objetividade jornalística, a questão principal que se enseja é como os recursos emprestados à literatura podem indicar a subjetividade.

Supõe-se que por compreender a confluência dos discursos jornalístico e literário, o Novo Jornalismo, neste sentido, poderia estar relegado, como gênero, a um espaço incógnito: ser jornalístico, seguindo o paradigma da objetividade e os critérios jornalísticos, e ao mesmo tempo mostrar-se mais atraente ao público através de uma abordagem literária que significaria maior subjetividade nos textos.

Como observa Wolfe (2005), muitos dos críticos contemporâneos ao surgimento do Novo Jornalismo desqualificaram o movimento tanto como jornalismo, quanto como literatura, rotulando-o como “parajornalismo”. No entanto, o próprio Wolfe assinala que o Novo Jornalismo é “novo” apenas enquanto manifestação da vontade dos jornalistas da época em retratar da melhor forma possível o seu tempo reassumindo a tradição do realismo social. A identidade assumida a partir desse anseio “[...] era uma questão de personalidade e de estilo” (WOLFE, 2005, p. 32).

Resende (2002) ressalta a impossibilidade de classificação do Novo Jornalismo, ora como jornalismo, ora como literatura, devido à sua característica inerentemente pós-moderna.



“Apesar de emergirem [textos do Novo Jornalismo] de um ou de outro gênero, anteriormente distinguível, são, hoje, muito mais, discursos advindos de jogos textuais característicos da pós-modernidade” (RESENDE, 2002, p.32). Portanto, o lugar reservado à objetividade jornalística no Novo Jornalismo é relativizado ao se considerar não apenas a transgressão de gêneros, mas também as novas configurações que a multiplicidade textual representa num contexto pós-moderno. Como observa Resende (2002), ainda que sob esta perspectiva o jornalismo e a literatura não passem a ser uma mesma coisa, pode-se dizer que as duas práticas tornam-se cúmplices de uma nova relação social e cultural.

Ainda que se comprove, com a análise, traços subjetivos no texto de Talese, faz-se importante discutir a subjetividade sob o prisma da comunicação. Afinal, será que as subjetivações realmente inviabilizam a objetividade do texto no sentido de diminuir a eficácia comunicativa? Com este propósito, a pesquisa fornece pistas também para descobrir como o jornalismo cultural pode exercer maior fascínio sobre seus leitores levando em consideração os recursos textuais oriundos da literatura e os limites (ou não) para a subjetividade no texto jornalístico.

A relevância deste trabalho reside, portanto, no fato de que uma análise criteriosa e rigorosa dos elementos linguísticos que compõem a subjetividade no texto de Gay Talese poderão ajudar a compreender, sistematicamente, um dos principais elementos pelo qual o Novo Jornalismo se tornou reconhecido como gênero híbrido: a construção de uma voz narrativa mais atraente aos leitores. Ademais, pretende-se também confrontar na experiência de Talese o mito da objetividade, questão premente no campo do jornalismo, mas que reserva poucos estudos com foco na análise de linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra, 1996.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987.



BIBLIOTECA ENTRE LIVROS: jornalismo x literatura. São Paulo: Duetto, edição especial nº 11, agosto 2008. 82p.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 1986.

BRAIT, B. Análise do discurso e argumentação: o exemplo da ironia. In: MARI, H. et al. (Org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999.

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

DRAVET, Florence. Palavras inconsideradas na lagoa do conhecimento. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LEITE, Ligia Chiappini M. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas (São Paulo): Editora da Unicamp, 1995.

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e Literatura: modos de dizer. *Revista de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul*. 2010. No prelo.

MARTINEZ, Monica. *Jornada do Herói: Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

MEDEL, Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2000.

MELO, José Marques de. A questão da objetividade no jornalismo. In: MELO, José Marques de (org.). *Objetividade jornalística: ética e técnica*. Cadernos Intercom, nº 07. São Paulo, Cortez/Intercom, setembro 1985.

MENEZES, Fagundes. *Jornalismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Razão Cultural, 1997.

RESENDE, Fernando Antônio. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume, 2002.



ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (org). *Cultura e subjetividade: saberes nômade*. Campinas (SP): Papirus, 1997.

RYAN, MarieLaure. La narración como realidad virtual: la inmersión y la interactividad en la literatura y en los medios electrónicos. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. O narrador pós-moderno, pp. 45 - 60.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

SILVA, Juremir Machado da Silva. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In:

TALESE, Gay. *Fama e Anonimato*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: *Revista de Comunicação e Linguagens*. Lisboa, n.8, 1988.

VILAS BOAS, Sergio. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os sapatos. In.: TALESE, Gay. *Fama e Anonimato*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

WISNIK, José Miguel. Ilusões Perdidas. In: NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WOLFE, Tom. *Radical e Chique e o Novo Jornalismo*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

Na Internet:

ACADEMIA brasileira de jornalismo literário. Desenvolvido por: ABJL, 2008. Apresenta informações, textos, notícias e links sobre jornalismo literário. Disponível em: < <http://www.abjl.org.br> >. Acesso em: 11 jun. Site.

ESQUIRE magazine. Desenvolvido por: *Esquire Corporation*, 2003. Disponibiliza o texto original, na íntegra, *Frank Sinatra has a cold*. Disponível em: < <http://www.esquire.com/features> >. Acesso em: 05 nov. Site.